

# As «*oil bottles*» de tipo fenício no território português e o consumo de substâncias aromáticas

FRANCISCO B. GOMES\*

(...)

Faz votos para que seja longo o caminho.  
Para que sejam muitas as manhãs de verão  
nas quais com que contentamento, com que alegria  
entrarás em portos vistos pela primeira vez;  
para que pares em feitorias fenícias,  
e para que adquiras as boas compras  
coisas de nácar e de coral, de âmbar e de ébano  
e essências de prazer de qualquer espécie

(...)

Konstandinos Kavafis, *Ítaca*.

## RESUMO

Tomando como ponto de partida a análise dos exemplares de *oil bottles* de tipo fenício exumados em contextos da Idade do Ferro no atual território português examinam-se as evidências disponíveis do comércio e consumo de substâncias aromáticas.

Palavras-chave: I Idade do Ferro – «*oil bottles*» – comércio fenício – substâncias aromáticas – práticas religiosas

## ABSTRACT

Taking as a starting point an analysis of the Phoenician type *oil bottles* found in southern Portuguese Iron Age contexts the available evidence for the commerce and consumption of aromatic substances is examined.

Keywords: Early Iron Age – «*oil bottles*» – Phoenician commerce – aromatic substances – religious practices

---

\* UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; bolsheiro de doutoramento da FCT, e-mail: franciscojbgomes@gmail.com



### 1. AS OIL BOTTLES: BREVE ESTADO DA QUESTÃO

A forma cerâmica conhecida desde o trabalho seminal de W. Culican (1970) como *oil bottle* e frequentemente referenciada na bibliografia espanhola como *ampolla* constitui um elemento recorrente no repertório cerâmico nos sítios tocados pela colonização e pelo comércio fenício ao longo da bacia do Mediterrâneo (Ramón, 1982; Orsingher, 2010). Sob este designativo englobam-se peças que, apesar de uma considerável variabilidade morfológica (Ramón, 1982, pp. 21-25), apresentam como traços comuns as suas pequenas dimensões, o facto de possuírem um corpo globular ou ligeiramente piriforme com um colo subcilíndrico desenvolvido e, normalmente, uma única asa (Bisi, 1970, p. 31).

Embora não contemos, até ao momento, com qualquer análise de resíduos que permita caracterizar com segurança os conteúdos destes pequenos recipientes, a investigação sobre eles desenvolvida tem assumido unanimemente o seu carácter de contentores de substâncias aromáticas – óleos, perfumes e/ou unguentos –, suportando essa assunção nas pequenas dimensões das peças (González Prats, 1982, pp. 141-143), na sua particular morfologia, mas também na analogia com os *aryballoi* ou os *lekythoi aryballísticos* (Ramón, 1982, p. 18; Orsingher, 2010, pp. 54-55), de produção grega e, sobretudo, Coríntia (Lambrugo, 2008), estando hoje virtualmente posta de parte a hipótese alternativa de W. Culican de que estes recipientes pudessem servir para o transporte de azeite para lucernas (Culican, 1970, p. 6). Esta interpretação ganha, além disso, uma acrescida consistência à luz de uma inscrição pintada sobre um exemplar de Cartago publicada por F. Vattioni (1995, *apud* Orsingher, 2010, nota 340) onde pode aparentemente ler-se o termo *mrr*, interpretado como «mirra».

Pode, portanto, e com certa segurança, assumir-se que estes recipientes correspondem ao correlato material do comércio a uma escala considerável, na bacia

do Mediterrâneo, de óleos e substâncias aromáticas, sem dúvida produzidos em contextos relacionados com a presença fenícia, embora a ausência de estudos sistemáticos e detalhados sobre os fabricos das próprias *oil bottles* iniba, de momento, a efetiva compreensão das áreas de produção destas e, por consequência, dos hipotéticos centros produtores – ou, pelo menos, redistribuidores – dessas substâncias.

A identificação de putativos centros produtores na fachada siro-palestiniana (Vegas, 1999, pp. 171-172), em Cartago (Ramón, 2006, pp. 78-79), na Sardenha (em particular Tharros) (Ramón, 1982, p. 36) e em Malta (Groenewoud e Vidal González, 1996), bem como na própria Península Ibérica, em Ibiza (Gómez Bellard, 2000, p. 179) e, hipoteticamente, na Andaluzia Oriental (Ramón, 1999, pp. 165-166) (para um síntese e comentário destes dados, *vide* Orsingher, 2010) reflete, embora de forma ainda muito condicionada, a complexidade do panorama da produção e circulação destes recipientes e, por extensão, dos seus respetivos conteúdos.

Também no atual território português a presença de exemplares integráveis nesta forma cerâmica, embora não muito numerosos – dez exemplares no total – e com uma distribuição relativamente limitada – esses exemplares provêm de apenas cinco sítios (cf. *infra*), estando a forma cerâmica em apreço ausente, até ao momento, em sítios com importantes evidências da presença e/ou do comércio fenício, como Santa Olaia (Figueira da Foz), a Alcáçova de Santarém, a Quinta do Almaraz (Almada), o Castelo de Alcácer do Sal ou o de Castro Marim – pode claramente relacionar-se com o comércio fenício no Extremo Ocidente, devendo assim valorizar-se como mais um elemento a tomar em consideração na apreciação geral do fluxo de mercadorias introduzido nos círculos culturais do ocidente peninsular aquando da inscrição destes na vasta rede de contactos e intercâmbios dinamizada pelos Fenícios.

A análise dos contextos onde se exumaram estas peças, para além de uma muito necessária leitura crono-tipológica, de resto já efetuada com notável perícia por outros investigadores com uma base de dados incomparavelmente mais extensa e expressiva do que a que subjaz a esta contribuição (Ramón, 1982, e, sobretudo, Orsingher, 2010), pode também, se não evidenciar, pelo menos indicar o(s) tipo(s) de consumo(s) que os conteúdos destes pequenos recipientes conheceram, permitindo abordar, ainda que tentativamente, as lógicas socioculturais subjacentes a esse(s) consumo(s) (cf. Appadurai, 1986; Dietler, 2010).

## 2. OS EXEMPLARES DE *OIL BOTTLE* DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS: TIPOLOGIA, CRONOLOGIA E CONTEXTO

Como referido acima, conhecem-se até ao momento no atual território português apenas dez exemplares enquadráveis na forma que venho comentando, que contudo apresentam uma considerável variabilidade formal, em linha de

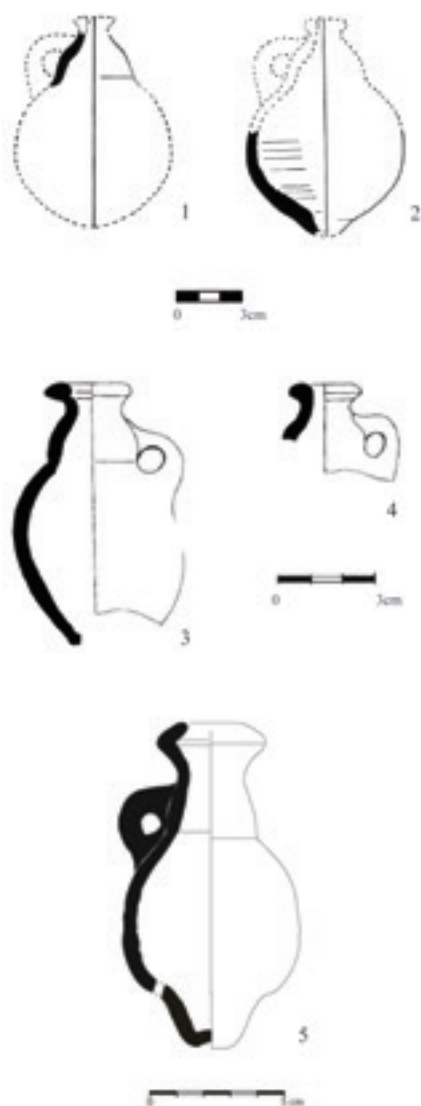


Fig. 1 – *Oil bottles* do atual território português – 1 e 2, Abul A (segundo Mayet e Silva, 2000); 3 e 4, Tavira (segundo Maia, 2000); 5, Palhais (segundo Santos et al., 2009)

resto com o que sucede com esta forma cerâmica em todo o Mediterrâneo, como tive já oportunidade de comentar.

Em **Abul A** (Alcácer do Sal, Setúbal), sítio onde se identificou e escavou um edifício de clara matriz exógena, oriental, fundado *ex novo* em meados do século VII a.n.e. e interpretado pelos responsáveis da intervenção no sítio como um espaço polifuncional mas predominantemente comercial, de tipo feitoria (Mayet e Silva, 2000, pp. 163-167), mas a que pode alternativamente atribuir-se uma funcionalidade religiosa (Arruda e Celestino, 2009, p. 33; Gomes, 2012, pp. 46-47), identificaram-se quatro exemplares desta forma cerâmica (Mayet e Silva, 2000, p. 52), tendo-se publicado as ilustrações de dois deles (*idem*, fig. 24, n.º 124; fig. 42, n.º 316).

Desses quatro exemplares, dois exumaram-se em níveis enquadrados no chamado *Horizonte IC* do sítio, que corresponde ao fim da utilização do edifício antes da sua total reestruturação, ocorrida ainda em finais do século VII a.n.e. Da peça n.º 124 (*idem*, fig. 24) exumou-se tão-somente um fragmento da parede do colo, de tendência cônica, mostrando um ressalto bem marcado relativamente ao bojo, de aparente tendência globular (fig. 1, n.º 1). Torna-se, infelizmente, impossível restituir com exatidão o perfil desta peça, o que condiciona qualquer leitura crono-tipológica; pode contudo afirmar-se com segurança, dadas as suas coordenadas contextuais a que acima aludi, que se trata de uma peça enquadrável no final do século VII a.n.e.

Um outro exemplar, apenas referenciado (Mayet e Silva, 2000, p. 52), foi exumado em estratos correspondentes à transição do *Horizonte IC/IIA*, isto é, a momentos enquadráveis entre o desmantelamento do edifício original e a construção e início da ocupação do edifício

da segunda fase, mais complexo e de maiores dimensões, ocorrida no final do século VII ou inícios do VI a.n.e.

Finalmente, o quarto exemplar (*idem*, fig. 42, n.º 316) foi exumado em níveis pertencentes ao *Horizonte IIC*, isto é, ao momento final da ocupação do edifício da segunda fase, momento em que se verifica um incêndio isolado, anterior ao desmantelamento parcial do edifício em meados do século VI a.n.e. Esta peça encontra-se representada por um fragmento de bojo de tendência globular ter-

minando em fundo convexo (fig. 1, n.º 2); tal como no caso da anteriormente comentada peça n.º 124, o estado fragmentário deste exemplar não permite uma reconstituição segura nem, como tal, considerações crono-tipológicas precisas, podendo apenas apontar-se o facto de os exemplares de fundo convexo corresponderem, por norma, a peças de cronologias avançadas dentro da diacronia da produção desta forma cerâmica, o que parece plenamente consentâneo com o contexto do século VI a.n.e. de que esta peça provém.

Quanto ao contexto funcional em que estas peças foram exumadas, podem ainda tecer-se alguns comentários adicionais. Tal como tive oportunidade de referir acima, a interpretação funcional do(s) edifício(s) de Abul A – como espaço eminentemente comercial ou predominantemente religioso – apresenta algumas dificuldades que tive já oportunidade de discutir noutro lugar (Gomes, 2012, pp. 46-47; cf. tb. Arruda e Celestino, 2009); não me alongarei sobre essas hipóteses interpretativas, querendo antes reter o facto de que os próprios responsáveis pela intervenção no sítio terem aí reconhecido evidências de práticas cultuais (Mayet e Silva, 2000, pp. 167-168).

A presença de uma área de combustão estruturada de tipo «altar» no edifício da segunda fase (*idem*, p. 146) é uma das evidências principais da presença de práticas de tipo cultural (a que podem juntar-se outras, de índole arquitetónica e contextual, cf. Gomes, 2012, pp. 46-47), sendo de reter a hipótese, já levantada por F. Mayet e C. Tavares da Silva, de que « [p]eut-être s'agit il d'une structure destinée à brulêr des essences parfumées » (Mayet e Silva, 2000, p. 146). Esta hipótese enquadra-se bem nos dados que tive oportunidade de recolher sobre as práticas de culto nos santuários da Idade do Ferro do Sul de Portugal, onde a queima de essências e perfumes está bem representada (Gomes, 2012, p. 138; para outros contextos do Mediterrâneo Central e Ocidental, cf. tb. López Rosendo, 2005; López Bertran, 2007, pp. 144-151).

Parece-me assim lícito, ainda que meramente hipotético, sugerir que o tipo de substâncias aromáticas contido nas *oil bottles* exumadas no sítio de Abul A possa ter conhecido um consumo de tipo ritual(izado) no quadro de práticas religiosas que aí teriam lugar.

Relacionável, porventura, com as peças de Abul A, centro que sem dúvida jogou um papel fulcral na articulação do comércio fenício no Baixo Sado e, inclusivamente, mais além, haveria a referir uma peça até agora inédita proveniente da necrópole do **Olival do Senhor dos Mártires** (Alcácer do Sal) exumada durante os trabalhos de escavação realizados naquele conjunto funerário por V. Correia (1928) e atualmente depositada no Museu Nacional de Arqueologia. Este exemplar, infelizmente sem contexto preciso, encontra-se inteiro, apresentando um bordo reentrante de tendência triangular, colo troncocónico demarcado do bojo, de tendência ovoide, por um ressalto bem marcado, fundo convexo e uma única



Fig. 2 – Oil bottle do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)

asa arrancando do colo e terminando na porção superior do bojo. A pasta deste exemplar é cor de laranja clara, fina e bem depurada, apresentando como inclusões alguns nódulos de calcite e de óxidos de Ferro.

Não contamos, como referi, com coordenadas contextuais seguras para enquadrar cronologicamente esta peça, facto especialmente ingrato dada a larga diacronia de utilização da necrópole alcacerense (Arruda, 1999-2000, pp. 72-86); este exemplar deverá preferencialmente, contudo, e dada a cronologia geral da forma cerâmica que

venho comentando, relacionar-se preferencialmente com as fases mais antigas do sítio, situadas entre o século VIII/VII e o VI a.n.e. (*idem*, p. 81; cf. tb. Paixão, 1970), sugerindo com efeito a sua morfologia uma datação centrada entre os finais do século VII a.n.e. ou inícios da centúria seguinte.

Quanto ao seu contexto funcional, e embora nos faltem, repito, dados contextuais finos, esta peça provém indubitavelmente de um contexto funerário, podendo ligar-se a consumos ritualizados de essências e perfumes ligadas ao tratamento do cadáver ou aos ritos fúnebres realizados no momento da cremação. A presença de outros eventuais unguentários desta necrópole, alguns dos quais todavia inéditos<sup>1</sup>, reforça a ideia de que as substâncias aromáticas terão jogado um papel importante nas práticas funerárias ali realizadas.

Além disso, e embora os argumentos *ex silentio* tenham sempre um valor reduzido, não gostaria de deixar de notar que, até ao momento, não se identificaram peças deste tipo em contextos urbanos/domésticos sidéricos do Baixo Sado (Alcácer do Sal e Setúbal), não se registando também nenhuma presença na região de Ourique, que seria também, hipoteticamente, um dos pontos de chegada das mercadorias de tipo oriental ou orientalizante introduzidas através do Baixo Sado. Esta ausência, que naturalmente poderá vir a ser rapidamente negada por trabalhos futuros, limita de certa forma a hipótese de que as substâncias aromáticas fossem, pelo menos nas mencionadas áreas regionais, produtos de consumo regular e difundido, estando aqui limitados a contextos sacros e/ou funerários.

<sup>1</sup> Materiais atualmente em análise no âmbito de um projeto de estudo integral do espólio do Olival do Senhor dos Mártires (Projeto de Doutoramento financiado pela FCT – SFRH/BD/76763/2011 – *Contactos culturais e discursos identitários na Idade do Ferro «Orientalizante» e «Pós-Orientalizante» do Sul de Portugal*).

Outro pequeno conjunto de *oil bottles* foi exumado em **Tavira**, numa intervenção arqueológica realizada no Alto de Santa Maria, onde se recolheram pelo menos três exemplares desta forma cerâmica, dos quais se publicaram as ilustrações de dois (Maia, 2000, fig. 6), estando um terceiro referido somente no catálogo da exposição *Tavira: Território e Poder* (2003).

Nesta intervenção identificou-se um tramo de uma estrutura murária de grandes dimensões, com cerca de 4 m de espessura, interpretável como pertencendo ao horizonte «Orientalizante» de inícios da Idade do Ferro no sítio; a responsável pela intervenção e pelo estudo preliminar destes contextos avançou para a construção desta potente estrutura e para os níveis de ocupação que lhe estão associados uma cronologia centrada na segunda metade do século VIII a.n.e., datação que a análise dos materiais publicados não permite sustentar, tendo a sua reapreciação permitido propor uma cronologia centrada em meados do século VII a.n.e. (Arruda, 2005, p. 50).

Identificaram-se também nesta sondagem estruturas arquitetónicas de difícil interpretação, formando segundo a informação publicada pelo menos dois compartimentos de planta alongada (cerca de 5 m × 1,5 m) no interior dos quais se puderam individualizar pavimentos bem estruturados, correspondendo plausivelmente a solos de ocupação que poderão ser coevos da estrutura murária. Num desses pavimentos, descrito como «*irregular de pequenas pedras*» e «*quase 2 m abaixo do topo preservado da M[uralha] F[enícia] 1*» (Maia, 2000, p. 124), identificou-se uma «*lareira estruturada*» (*ibidem*), que deverá corresponder a uma das estruturas descritas noutra passagem como apresentando uma «*planta quase quadrada e constituídas por uma só fieira de pedras irregulares*» (*ibidem*).

Aparentemente associada a esta estrutura de combustão, ou pelo menos nas proximidades desta, exumou-se uma *oil bottle* bastante bem conservada, apresentando um perfil praticamente completo (fig. 1, n.º 3). Trata-se de uma peça com sensivelmente 12 cm de altura, apresentando um bordo com um espessamento interno configurando um perfil côncavo muito característico em peças desta tipologia; o colo é pouco desenvolvido, com um aspeto subglobular, e encontra-se separado do bojo, de tendência igualmente globular, por um ressalto bem marcado. A asa desta peça arranca do colo e termina na porção superior do bojo. Apresenta ainda indícios de um fundo plano, simples. Esta peça pode facilmente relacionar-se com outras recolhidas por A. Orsingher na sua síntese sobre esta forma cerâmica e cronologicamente enquadráveis na segunda metade do século VII a.n.e. (Orsingher, 2010, Tav. I).

Uma outra peça desta forma provém, ao que tudo indica, de níveis identificados sob esse mesmo pavimento. Trata-se de uma peça fragmentada, de que se conservam o bordo, o colo e a asa, devendo corresponder ao n.º 26 do catálogo já referido (2003). Quanto à sua morfologia, apresenta um bordo espessado



interiormente, um colo igualmente subglobular, semelhante ao da peça anterior, não sendo possível asseverar qual a tendência geral do corpo da peça, embora plausivelmente fosse globular à semelhança do exemplar antes comentado (fig. 1, n.º 4). A asa arranca do colo e termina na porção superior do bojo. Contamos com poucos dados para estabelecer as coordenadas contextuais desta peça mas, tal como foi já sugerido, os materiais que lhe estavam associados sugerem uma cronologia centrada em meados do século VII a.n.e. (Arruda, 2005, p. 289).

Uma terceira peça desta morfologia encontra-se referenciada no já citado catálogo da exposição *Tavira: Território e Poder*, embora os dados contextuais para esta peça, de que nunca se publicou uma ilustração, sejam ainda mais escassos – contamos apenas, de facto, com a indicação de que se exumou nesta mesma intervenção, na 4.ª/5.ª camada (2003, n.º 27). Esta peça apresenta-se, ao que tudo indica, igualmente fragmentada, tendo-se conservado apenas o bojo, igualmente globular, parte do fundo, plano, e o arranque da asa. Não parece possível com estes dados avançar com nenhuma outra consideração tipológica adicional, sendo tão-somente de destacar, uma vez mais, o facto de a peça apresentar, como a peça melhor conservada de Tavira, um fundo plano, detalhe tipológico que sugere uma relativa antiguidade, podendo colocar esta peça no mesmo horizonte cronológico (segunda metade do século VII a.n.e.) que as anteriores.

Quanto ao contexto funcional destas peças, é difícil tecer qualquer comentário com base nos dados publicados. Pode, de uma forma muito genérica, assinalar-se a presença destas peças num sítio com uma ocupação sidérica claramente marcada por uma forte influência oriental, fenícia, em contextos que deverão associar-se aos momentos iniciais desse horizonte «Orientalizante», convivendo por vezes, segundo indica M. Maia (2000, p. 130), com materiais de clara tradição indígena, do Bronze Final.

Pode ainda assinalar-se, embora a título de mera curiosidade, o facto de a primeira das peças de Tavira acima comentada ter sido exumada aparentemente em associação com uma estrutura de combustão complexa – estaremos ante mais uma evidência da queima/evaporação das substâncias aromáticas contidas nestas *oil bottles*, neste caso num contexto funcional difícil de precisar? A hipótese parece, no mínimo, plausível, mas não contamos com dados para sobre ela elaborar quaisquer considerações adicionais.

Dois outros exemplares desta forma cerâmica, recentemente publicados, foram exumados no contexto de intervenções de salvaguarda realizadas no âmbito do programa de minimização de impactos da construção dos canais de rega do empreendimento do Alqueva. Ambas as peças provêm de contextos funerários identificados e escavados na região de Beja, correspondendo a necrópoles de um tipo anteriormente desconhecido mas de que, no âmbito dos referidos trabalhos de minimização de impactos, se têm vindo a identificar exemplos cada

vez mais numerosos (Santos *et al.*, 2009; Salvador Mateos e Pereira, 2010; Arruda *et al.*, no prelo).

De um modo geral, estes contextos funerários, onde predomina (se não é mesmo exclusiva) a inumação, contam com sepulturas em fossa, geralmente simples, escavadas na rocha, das quais algumas, sempre em número reduzido, parecem ter-se implantado em áreas circunscritas por fossos escavados igualmente no substrato rochoso, delimitando recintos de forma retangular ou subquadrangular; a maioria das sepulturas destas necrópoles parece posteriormente dispor-se em torno destes recintos, segundo lógicas que permanecem ainda por apurar.

Na necrópole de **Palhais** (Beringel, Beja), concretamente, pôde escavar-se parte de um destes recintos bem como quatro enterramentos, cuja relação exata com o recinto é difícil de precisar – com efeito, um desses enterramentos (Sepultura 1) parece ter-se feito diretamente no fosso que delimita o recinto (Santos *et al.*, 2009, pp. 760-763), e um outro (Sepultura 2), em fossa simples, parece sobrepor-se ao dito fosso que, como tal, estaria já preenchido no momento da sua deposição (*idem*, pp. 763-769). Deve notar-se, por outro lado, que estas dificuldades de leitura são substancialmente agravadas pelo facto de esta necrópole ter sido identificada em trabalhos de acompanhamento, tendo sido parcialmente destruída pela abertura mecânica de uma vala (*idem*, p. 760).

Quanto à peça que diretamente interessa ao tema desta análise, foi infelizmente recolhida, justamente, nas terras resultantes da abertura dessa vala, pelo que desconhecemos o seu contexto de deposição, tendo-se proposto, pelo ponto em que foi recolhida, que poderia provir do enchimento do troço ocidental do fosso ou, alternativamente, do espólio da chamada Sepultura 3 (*idem*, p. 776), quase inteiramente destruída pela referida vala, mas que parece poder tratar-se de uma das deposições mais antigas do sector da necrópole que foi objeto de intervenção (*idem*, pp. 770-775).

Ao que tudo indica, tratar-se-ia de uma fossa simples com um nicho lateral onde se terá depositado um vaso à *chardon*. Do espólio desta sepultura faria ainda parte uma taça de pé alto com pintura a vermelho e decoração coroplástica no bordo figurando ornitomorfos, bem como dois outros recipientes cerâmicos de que se recuperaram os fundos (*ibidem*).

Voltando à peça em análise, trata-se de um exemplar bem conservado, oferecendo um perfil completo (*idem*, fig. 15). Apresenta um bordo reentrante, formando uma acentuada concavidade no interior, e um colo cónico relativamente estreito, separado do bojo, de tendência piriforme, por um ressalto relativamente bem marcado. A porção inferior do corpo apresenta um estreitamento bastante pronunciado, terminando num fundo indicado e côncavo. Apresenta ainda a típica asa, arrancando do colo e terminando na porção superior do bojo (fig. 1, n.º 5).

A morfologia desta peça afigura-se como algo invulgar, não sendo comuns as peças com o tipo de estrangulamento do fundo que caracteriza o exemplar de Palhais; na seriação tipológica apresentada por A. Orsingher (2010) não figura nenhum exemplar que possamos aproximar de forma direta da peça em apreço, sobretudo justamente por essa particularidade morfológica, embora se possa notar que o tipo de bordo com concavidade acentuada desta peça surge com especial incidência em exemplares datados dos finais do século VII ou inícios do VI a.n.e. (*idem*, Tav. I e II; cf. tb. Ramón, 1982).

A análise preliminar do espólio desta necrópole empreendida pelos responsáveis da intervenção no sítio permitiu-lhes, justamente, avançar com uma datação de finais do século VII e século VI a.n.e. para a utilização deste contexto funerário, suportada pela tipologia de alguns dos elementos metálicos e de importação aí exumados (Santos *et al.*, 2009, p. 782); parece pois plausível que o recipiente de que venho tratando possa adscrever-se, justamente, aos momentos finais do século VII a.n.e. ou ao início da centúria seguinte. Tal facto seria ainda consensâneo com uma associação desta peça à mencionada Sepultura 3, considerada como referi a mais antiga do conjunto, embora não seja possível assegurar essa associação como tive igualmente ensejo de mencionar.

Embora não possamos confirmar com segurança o contexto preciso da *oil bottle* de Palhais, o seu contexto genérico parece relativamente claro – trata-se de uma peça deposta num espaço funerário, podendo interpretar-se quer como espólio votivo quer talvez como parte integrante dos rituais funerários aí praticados.

Parece, pois, aceitável que a substância contida neste recipiente foi objeto neste espaço funerário de um consumo seguramente ritual(izado), com uma forte carga simbólica, ligada neste caso a conceções escatológicas que por agora nos escapam. Parece-me, por outro lado, de reter a hipótese aventada pelos responsáveis da escavação no sítio de que as taças de pé alto com decoração coroplástica, de que se exumou, além da já mencionada da Sepultura 3, pelo menos mais um exemplar, poderão estar funcionalmente relacionadas com a queima de substâncias aromáticas, o que conferiria maior consistência a esta leitura.

Idênticas considerações funcionais se podem tecer para a peça exumada na necrópole da **Carlota** (São Brissos, Beja) (fig. 3), igualmente identificada e escavada na sequência de trabalhos de minimização de impactos e pertencente ao tipo já comentado. Neste outro conjunto funerário foram intervencionados dois conjuntos sepulcrais de planta retangular, cada um dos quais delimitado e dividido em dois ambientes quadrangulares por fossos escavados no substrato geológico (Salvador Mateos e Pereira, 2010).

Para a presente análise, contudo, importa sobretudo que nos detenhamos no chamado Monumento 1, formado ao que tudo indica pela justaposição de dois recintos (Recintos 1 e 2) de configuração quadrangular. Cada um desses recin-

tos albergava, em posição central, uma sepultura de inumação em fossa simples (Sepulturas 2 e 3, respetivamente) (*idem*, pp. 319-320). Uma curiosa particularidade deste monumento resulta da análise dos vestígios osteológicos preservados que, ainda que em considerável mau estado, permitiram atribuir o indivíduo inumado na Sepultura 2 ao sexo masculino e o da Sepultura 3 ao sexo feminino, levantando a hipótese de que se trate de um casal de estatuto social elevado (*idem*, p. 320).

Associada justamente ao indivíduo feminino da Sepultura 3 exumou-se, como único espólio votivo (preservado) uma peça do tipo que venho

tratando, em tudo semelhante à peça anteriormente comentada de Palhais, para a qual constitui o melhor paralelo disponível. A peça parece apresentar um perfil globular a piriforme, bordo reentrante e um colo de tendência troncocónica, com estreitamento abaixo do bordo; a asa, de secção circular, arranca do ressalto formado por esse estreitamento e termina no bojo; o pé, segundo indicam os autores que deram a conhecer esta peça, será de morfologia anelar, aproximando-se porventura do exemplar de Palhais (*idem*, p. 322; fig. 15). A pasta, descrita apenas como clara, parece contudo, tanto quanto se pode apreciar na fotografia publicada (*idem*, fig. 15), muito semelhante à de outros exemplares antes mencionados, nomeadamente à peça do Olival do Senhor dos Mártires.

Quanto à sua cronologia, remeto para as considerações tecidas a propósito do exemplar exumado em Palhais, sendo conveniente reter ainda a proposta de enquadramento cronológico do sítio avançada pelos responsáveis da escavação, que o colocam nos séculos VII-VI a.n.e. (*idem*, p. 322), podendo para a peça em apreço estreitar-se essas balizas, colocando-a entre os finais do século VII e as primeiras décadas da centúria seguinte.

Sem repetir desnecessariamente as considerações contextuais e funcionais que antes teci para a peça de Palhais, é conveniente contudo referir, antes de terminar a análise desta peça, que tal como no caso daquela necrópole, também na Carlota se exumaram taças de pé alto e decoração plástica ornitomórfica, do tipo que antes resenhei e que podem corresponder a queima-perfumes, dado relevante, como antes disse, para a valorização do papel dos eventuais conteúdos da peça em apreço.



Fig. 3 – Oil bottle da necrópole da Carlota (Beja)

\*

Gostaria, neste ponto, e antes de passar a uma análise mais abrangente das evidências de consumo das substâncias aromáticas contidas neste (e noutros) tipo(s) de recipiente(s), de tecer ainda algumas breves considerações sobre os possíveis centros produtores das *oil bottles* do atual território português. Torna-se necessário, em primeiro lugar, reiterar que não tive oportunidade de examinar pessoalmente a maioria das peças em causa, e como tal as reflexões que a este respeito tecerei são, na melhor das hipóteses, circunstanciais, baseando-se nas descrições publicadas.

Quanto à sua produção, as peças de Abul A são descritas como possuindo «*pâte beige et fine*» (peça 124; Mayet e Silva, 2000, p. 72) e «*pâte beige très claire*» (peça 316; *idem*, p. 77); as três peças de Tavira (2003) são descritas como de pasta bege, embora se registe a presença de inclusões algo distintas de peça para peça (micas e um nódulo de cerâmica moída na peça #25, micas na peça #26 e micas e nódulos de calcite na peça #27), registando-se ainda em todos os exemplares a aplicação de aguada nas superfícies; da peça de Palhais não se publicou nenhuma descrição de pasta, mas pelo que se pode observar na fotografia publicada a peça apresenta igualmente superfícies beges claras. O único exemplar que teve oportunidade de analisar diretamente, o do Olival do Senhor dos Mártires, apresenta pasta cor de laranja clara, mas assemelha-se ao nível das inclusões detetáveis por análise macroscópica dos exemplares de Tavira; analisando, por fim, a fotografia da peça exumada na necrópole da Carlota, sinto-me tentado a aproximá-la em termos das características da pasta a este último exemplar.

Com todas as reservas que uma leitura baseada no cruzamento de dados tão diferenciados acarreta, e na ausência de análises mais detalhadas, gostaria não obstante de salientar a aparente uniformidade que pode inferir-se das descrições atrás referidas; com efeito, é possível – embora, reitero, esta proposta seja meramente hipotética – sugerir que os vários exemplares de *oil bottle* do atual território português provenham de um mesmo centro produtor.

Dadas as características das pastas que apresentam, tanto quanto me é dado a observar, notórias similitudes com produções bem caracterizadas oriundas da Baía de Cádiz pode eventualmente sugerir-se que esse centro produtor e distribuidor fosse a própria colónia fenícia de *Gadir*, facto que de resto quadraria bem com o papel articulador desde há muito reconhecido à metrópole de fundação tória no quadro do comércio fenício nos territórios do extremo Ocidente (Arteaga, 1994; Aubet, 2000), que se prolongará no tempo (Sousa e Arruda, 2010) mesmo até ao período romano (Chic García, 2004).

Este polo juntar-se-ia, assim, a outros importantes enclaves fenícios do Mediterrâneo Central e Ocidental como Tharros (Ramón, 1982, p. 36), Cartago (Ramón, 2006, pp. 78-79) ou Ibiza (Gómez Bellard, 2000, p. 179) que, como

tivemos oportunidade de referenciar nas considerações introdutórias a esta análise, parecem poder identificar-se como centros produtores de *oil bottles* e hipotéticos centros produtores, ou pelo menos redistribuidores, de substâncias aromáticas (Orsingher, 2010, pp. 55-56).

### 3. OUTRAS EVIDÊNCIAS RELACIONADAS COM O CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS AROMÁTICAS

A análise dos contextos dos exemplares de *oil bottles* exumados em território português ensaiada no apartado anterior permite tecer algumas considerações, embora de alcance relativamente limitado pela exiguidade do conjunto e pelo facto de provirem de um número muito circunscrito de contextos, o que limita a representatividade estatística dessa análise.

Além disso, dos cinco contextos antes apresentados, um deles – o do Alto de Santa Maria, em Tavira – é de difícil leitura funcional, facto a que não é alheio o cariz da intervenção, naturalmente condicionada pelas exigências próprias de uma escavação em meio urbano. Quanto aos contextos restantes, podem funcionalmente adscriver-se a funções rituais, religiosas no caso de Abul A e funerárias no caso do Olival do Senhor dos Mártires, de Palhais e da Carlota. Tal facto parece-me, no mínimo, sugestivo, permitindo entrever uma pauta muito concreta e restrita para o consumo das substâncias aromáticas transportadas nestes recipientes. Igualmente significativa a este respeito é a ausência – até ao momento – de exemplares desta forma cerâmica em outros sítios com importantes ocupações coevas às aqui analisadas, que reforça a imagem de pautas de consumo de certa forma especializadas.

Existem, contudo, outras evidências bastante expressivas de um consumo ritual(izado) de substâncias aromáticas em contextos de culto enquadráveis na I Idade do Ferro no Sul do atual território português, como tive oportunidade de analisar de forma sucinta em trabalho recente (Gomes, 2012, p. 138), a que haveria ainda que somar outras evidências de consumo de substâncias deste tipo em outros contextos com funções mais difíceis de precisar.

Em primeiro lugar, deve referenciar-se um conjunto de outros contentores cerâmicos de distintos tipos que podem, de forma mais ou menos segura, relacionar-se com o transporte e/ou aplicação de substâncias aromáticas, de distintas produções e morfologias:

- Os chamados jarros de «boca de seta» (Peserico, 1996), muito frequentes em contextos funerários fenícios (cf. Calvo Nuñez, 2008) e interpretados como contentores de substâncias aromáticas, permitindo os seus característicos bordos alargados a sua aplicação, nomeadamente ao cadáver durante a preparação para os ritos funerários (Fletcher, 2006), estão atestados no atual território português,

contando-se um exemplar inteiro e outro fragmentado provenientes dos chamados «Poços» votivos do Palácio da Galeria, em Tavira (2003, p. 250, n.º 55; Maia e Silva, 2004, 188) apresentando ambos o típico engobe vermelho;

- Uma peça proveniente da Alcáçova de Santarém (Arruda, 1999-2000, fig. 120, n.º 4), correspondendo ao colo e asa de um recipiente de tipo jarro cuja forma exata não pode precisar-se, igualmente revestida de engobe vermelho, e que pode possivelmente relacionar-se, funcionalmente pelo menos, com as peças anteriormente referenciadas;
- Uma peça que pode aproximar-se de formas orientais do tipo designado por P. Bikai como *juglet* (Bikai, 1978, pp. 41-43), de clara inspiração oriental, fenícia, exumada na Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Setúbal), apresentando bordo simples e corpo piriforme, com fundo convexo, em ponta, com uma só asa (Frankenstein, 1996, Lám. 59, n.º 60);
- Outras peças que, correspondendo a protótipos orientais (quer a *juglets* do tipo antes comentado quer a peças de tipo *alabastron*), correspondem já contudo a elaborações locais/regionais desses protótipos, nomeadamente:
  - Uma peça do povoado de Fernão Vaz (Ourique, Beja) muito semelhante à do Olival do Senhor dos Mártires (Correia, 2002, p. 43);
  - Uma peça de Neves I (Castro Verde, Beja), sítio que pode interpretar-se com um complexo religioso, que apresenta corpo piriforme, simples, e uma só asa, em tudo similar à de Fernão Vaz (Maia e Maia, 1987, p. 27);
  - Duas peças do também provável santuário da Azougada (Moura, Beja), ambas de produção manual, apresentando uma delas corpo piriforme e colo alto, com um marcado ressalto a meia altura deste, e uma só asa (Antunes, 2010, fig. 255, n.º 375) e a outra corpo subcilíndrico, com a parte superior estreitada formando colo pouco desenvolvido e, igualmente, uma só asa (*ibidem*, n.º 374);
  - Uma peça em cerâmica cinzenta proveniente da Rua do Rato (Alcácer do Sal, Setúbal), igualmente um provável contexto de culto de cariz comercial e ribeirinho, e atualmente em curso de publicação (Arruda *et al.*, no prelo);
  - Duas peças da necrópole da Têra (Mora, Évora), exumadas no interior de uma urna contendo uma incineração (Mataloto, 2010-2011, fig. 8).

Além dos recipientes cerâmicos, deve ainda referir-se a presença de pequenos recipientes de pasta vítrea, tipicamente interpretados igualmente como unguentários ou anforiscos destinados ao transporte de substâncias aromáticas e cosméticas. De uma sepultura da Herdade do Gaio (Sines, Setúbal) provêm duas peças em pasta vítrea – um pequeno anforisco de pasta azul com decoração espinhada a amarelo de cádmio, com um colo alto, duas asas e um corpo piriforme terminado num pequeno pé indicado, e o fundo de um pequeno unguentário azul com



decoração de linhas ondulantes a branco, de corpo cilíndrico e fundo convexo (cf. catálogo da exposição *De Ulisses a Viriato*, 1996, p. 240, n.<sup>os</sup> 21 e 22; Arruda, 1999-2000, p. 97). De Corvo I (Castro Verde, Beja), provavelmente um complexo religioso, provêm dois fragmentos de anforiscos ou unguentários em pasta vítrea azul, espinhada a branco, verde e amarelo (Maia e Maia, 1996, p. 88). Deve ainda referir-se um anforisco de pasta vítrea policroma da já mencionada necrópole da Têra (Mora, Évora), (Mataloto, 2010-2011, fig. 8), a somar a um outro fragmento bícromo, possivelmente parte de um anforisco, do mesmo conjunto funerário (Rocha, 2003, p. 126; Rocha, Duarte e Pinheiro, 2005, pp. 608-609). Um outro fragmento de uma peça deste tipo, infelizmente sem contexto, provém do Cabeço de Vaiamonte (Monforte, Portalegre) (Fabião, 2001).

Outro conjunto de evidências igualmente importante do ponto de vista da análise das pautas de consumo das essências e perfumes de que venho tratando prende-se com a presença em contextos sidéricos do território português de elementos de cultura material que têm sido tradicionalmente ligados do ponto de vista funcional justamente à queima dessas substâncias.

Entre estes conta-se pelo menos um queimador de dupla taça de tipologia claramente oriental (correspondendo à Forma 14 da tipologia da cerâmica «púnica» estabelecida por A. M. Bisi, 1970, pp. 33-34; cf. tb. Bikai, 1987, Plate XVII) proveniente da área dos já mencionados «Poços» votivos do Palácio da Galeria, em Tavira (cf. o já citado catálogo da exposição *Tavira...*, 2003; tb. Maia e Silva, 2004).

Poderão, porventura, incluir-se também nesta rubrica as taças de pé alto com decoração coroplástica que se vêm documentando nas necrópoles com recintos de fossos da área de Beja (Santos *et al.*, 2009; Salvador Mateos e Pereira, 2012; Arruda *et al.*, no prelo).

Ainda dentro do repertório cerâmico, gostaria neste ponto de discutir um tipo de recipiente que vem sendo identificado em distintos contextos sidéricos do Sul do atual território português e que, mais do que partilhar uma morfologia individualizável, tem em comum o facto de as suas paredes apresentarem múltiplas perfurações – três peças com esta característica (fig. 2, n.º 1) foram recentemente individualizadas como Forma XIII no ensaio de classificação tipológica dos materiais cerâmicos do povoado do Bronze Final/I Idade do Ferro do Castro dos Ratinhos (Moura, Beja) (Berrocal-Rangel e Silva, 2010, fig. 20), peças essas provenientes da área da acrópole onde se identificou e escavou um edifício de culto de matriz fenícia (Prados Martinez, 2010), tendo-se sugerido para aquelas uma função como hipotéticos queimadores destinados à combustão de substâncias aromáticas (Berrocal-Rangel e Silva, 2010, p. 302) com base em paralelos de Huelva (Plaza de las Monjas; González *et al.*, 2004, p. 118) a que foi atribuída essa mesma funcionalidade.

Peças com esta mesma particularidade constam igualmente dos repertórios





Fig. 4 – Recipientes com perfurações – 1, Castro dos Ratinhos (segundo Berrocal-Rangel e Silva, 2010); 2, Abul A (segundo Mayet e Silva, 2000); 3, Corvo I (segundo Maia, 2008)

cerâmicos de outros sítios, como Abul A (Mayet e Silva, 2000, fig. 28, n.º 166; fig. 2, n.º 2) ou Neves I (Maia, 2008, p. 358 e fig. 3; fig. 2, n.º 3), neste caso apresentando um peculiar bordo deformado; uma outra peça, depositada no Museu de Moura, provém ao que tudo indica do sítio de Cabeço Redondo (Soares, 2012). Já fora do território em apreço, parece importante do ponto de vista contextual e funcional mencionar que peças com esta mesma característica foram exumadas nos recentes trabalhos de escavação em El Carambolo (Sevilha) que permitiram reinterpretar as estruturas ali presentes e conhecidas desde os trabalhos de J. Mata

Carriazo (1973) como um santuário de cariz oriental, fenício (Fernández Flores e Rodríguez Azogue, 2005, fig. 29).

Deve ainda, neste contexto, fazer-se menção à presença de diversos *thimytharia* no atual território português, sendo já sobejamente conhecidos os de Safara (Almagro Gorbea, 1977, pp. 245-250) e de Mourão (Correia, 1986), infelizmente sem contexto seguro, a que deve acrescentar-se uma peça de tipo cipriota proveniente do já mencionado putativo santuário da Rua do Rato (Alcácer do Sal, Setúbal) (Arruda *et al.*, no prelo; cf. Gomes, 2012, fig. 51) ou um exemplar, provavelmente tardio (século IV a.n.e.), exumado no Castelo da mesma cidade (Gomes, 2008, p. 75). Estas peças estariam mais propriamente relacionadas com a queima de substâncias aromáticas sólidas (López Rosendo, 2005, p. 676), mas devem considerar-se em estreita relação com o tema de que me venho ocupando.

#### 4. ASPECTOS DO CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS AROMÁTICAS NA «I IDADE DO FERRO» DO SUL DE PORTUGAL

O levantamento que nas páginas anteriores realizei, a título meramente ilustrativo, e que reúne evidências que se distribuem por um arco cronológico amplo, do século VIII ao V a.n.e., correspondendo *grosso modo* à I Idade do Ferro, permite acrescentar algumas considerações às leituras acima avançadas sobre as pautas de consumo de substâncias aromáticas em contextos sidéricos.

Com efeito, uma análise estatística simples dos contextos funcionais genéricos em que foram exumados os distintos recipientes e queimadores a que aludi nas páginas precedentes, e que constituem apesar de tudo um *corpus* estatística-

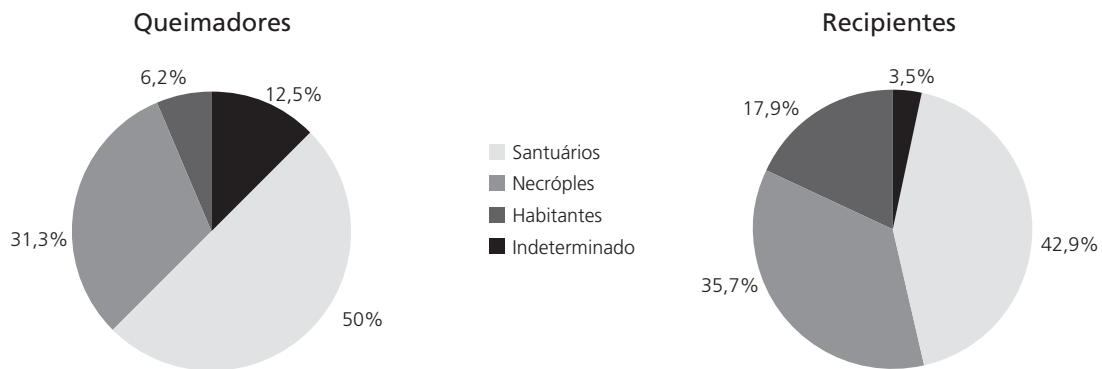


Fig. 5 e 6 – Distribuição dos recipientes e queimadores de substâncias aromáticas por tipo de contexto

mente mais representativo do que as *oil bottles* consideradas isoladamente, revelam algumas tendências que devem assinalar-se. Com efeito, tanto ao nível dos recipientes como dos elementos destinados à queima de essências e perfumes, verifica-se uma clara preponderância dos santuários – 42,9 % dos recipientes e 50 % dos queimadores provêm de contextos funcionalmente adscritos a práticas culturais – a que deve juntar-se uma presença igualmente significativa em contextos funerários – 35,7 % dos recipientes e 31,3 % dos queimadores.

A presença em contextos de *habitat* é, apesar de tudo, significativa – 17,9 % e 6,2 % – mas, e sem querer forçar excessivamente o argumento que venho desenvolvendo, deve considerar-se que pelo menos alguns desses sítios de *habitat* – como Tavira ou a Alcáçova de Santarém – teriam sem dúvida um preponderante papel comercial numa putativa distribuição regional destes produtos, pelo que a sua presença poderá explicar-se não só por lógicas de consumo (no sentido de utilização final de um produto) mas sim de circulação, distribuição e comércio.

À luz destes dados, parece plausível afirmar que estes produtos, de muito provável introdução oriental e que muito possivelmente fariam parte no atual território português de um pacote comercial difundido a partir de *Gadir*, conheceram uma distribuição relativamente limitada, ditada provavelmente pela existência nas sociedades sidéricas do extremo Ocidente peninsular de pautas de consumo bastante bem definidas, onde prepondera a utilização destas essências e perfumes em contextos religiosos e/ou funerários (cf. López Rosendo, 2005; López Bertran, 2007, pp. 144-147).

Tal facto não exclui, naturalmente, a sua função como bens de prestígio – o seu uso aparenta ser, com efeito, bastante restrito – mas o contexto da sua utilização enquanto tal inscreve-se em estratégias de consumo predominantemente ritual(izado) que, sem dúvida, terão integrado um conjunto de práticas religiosas que pela sua natureza performativa permitiram constituir e reforçar discursos

sociais e identitários em que a linguagem «cultural» oriental jogou um papel de relevo, tal como o demonstram a rápida adoção e reformulação local de práticas rituais de tipo oriental (Gomes, 2012, pp. 137-139).

Com efeito, a introdução dos produtos contidos nas *oil bottles* bem como em outros tipos de recipientes de importação, como os pequenos recipientes de pasta vítrea a que aludi, parece estar associada à introdução de práticas culturais de matriz igualmente forânea, mediterrânea e oriental (López Rosendo, 2005, p. 670); estas, contudo, foram rapidamente objeto de reformulações eminentemente locais, plenamente atestadas pela presença de recipientes muito provavelmente destinados a conter substâncias do mesmo tipo daquelas que se importavam nos contentores antes mencionados mas, neste caso, claramente de produção local/regional.

No estado atual dos nossos conhecimentos, parece difícil rastrear de forma exata o «ciclo de vida» das substâncias contidas nos recipientes aqui analisados; com o presente estudo procurei avançar com algumas contribuições para a definição dos centros abastecedores do atual território português e especialmente dos contextos específicos de consumo. As observações que tive oportunidade de apresentar nos parágrafos precedentes levantam, contudo, uma outra problemática, com a qual gostaria de concluir a presente análise.

Refiro-me concretamente à questão da possível circulação destes produtos no interior de circuitos comerciais regionais. Com efeito, e para mencionar apenas o caso das *oil bottles*, a sua distribuição é muito restrita e o grosso dos registos que recolhi dizem respeito a polos litorais, dos quais um claramente exógeno (Abul A) e outros dois fortemente orientalizados (Alcácer do Sal e Tavira), notando-se no interior a presença isolada dos exemplares de Palhais e da Carlota, que pode quiçá relacionar-se com uma rota comercial articulada em torno do Guadiana.

As evidências de consumo de substâncias aromáticas encontram-se, contudo, como tive oportunidade de ilustrar, bastante mais difundidas no território meridional português, o que sugere – dada a escassez em contextos interiores de recipientes claramente importados – prováveis lógicas de redistribuição dessas substâncias, sem dúvida ao longo dos mesmos circuitos que permitiram a introdução de bens (essencialmente sumptuários, como amuletos, elementos de adorno, indumentária e estética) nos contextos ditos «Pós-Orientalizantes» do interior alentejano (Beirão, 1986; Arruda, 2001).

A análise das *oil bottles* de tipo fenício presentes em contextos sidéricos do atual território português, a par de uma apreciação geral de outros recipientes provavelmente destinados a conter essências e perfumes, permite pois afirmar que estes produtos de clara introdução oriental conheceram no extremo Ocidente uma considerável aceitação, tendo sido integrados – à semelhança do verificado noutros contextos do Mediterrâneo Antigo (López Rosendo, 2005; López Bertan, 2007, pp. 144-148) – em práticas de consumo de tipo ritual, ligadas quer ao culto

quer aos ritos funerários. O seu cariz de elemento sumptuário parece claro, e as fórmulas – ainda pouco explícitas – da sua circulação e redistribuição no âmbito regional do Sudoeste peninsular constituem mais um elemento a valorizar numa análise mais vasta dos meios de contacto e das distintas modalidades das relações entre os vários grupos que na primeira metade do I milénio a.n.e. interagiram nesse território.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA, M. (1977) – *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC.
- ANTUNES, A. S. T. (2010) – *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. Lisboa: MNA.
- APPADURAI, A. (1986) – Introduction: commodities and the politics of value. In APPADURAI, A., ed., – *The Social Life of Things*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 3-63.
- ARRUDA, A. M. (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6).
- ARRUDA, A. M. (2001) – A Idade do Ferro Pós-Orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 207-291.
- ARRUDA, A. M. (2005b) – O I.º Milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, 23, pp. 9-156.
- ARRUDA, A. M.; BARBOSA, R.; GOMES, F. & SOUSA, E. (no prelo) – A necrópole da Vinha das Calças (Beringel, Beja, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed. – *Sidereum Ana III. El Río Guadiana en Época Tartésica*. Madrid: CSIC.
- ARRUDA, A. M.; CELESTINO PÉREZ, S. (2009) – Arquitectura Religiosa en Tartessos. In MATEOS CRUZ, P.; CELESTINO PÉREZ, S., eds., – *Santuarios, oppida y ciudades. Arquitectura religiosa en el origen y desarrollo urbano del Mediterráneo Occidental*. Madrid: CSIC, pp. 29-77.
- ARRUDA, A. M.; FERREIRA, M.; SOUSA, E. de; LOURENÇO, P.; LIMA, J.; CARVALHO, A. R. (no prelo) – *Contributos para o conhecimento da Idade do Ferro de Alcácer do Sal: os dados da Rua do Rato*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal.
- ARTEAGA, O. (1994) – La liga púnico-gaditana. Aproximación a una visión histórica occidental, para su contrastación con el desarrollo de la hegemonía cartaginesa en el mundo Mediterráneo. In *Cartago, Gadir, Ebusus y la influencia púnica en los territorios hispanos*. Ibiza: Museu Arqueològic d'Eivissa, pp. 23-57.
- AUBET, M. E. (2000) – Cádiz y el comercio atlántico. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 31-41.
- BEIRÃO, C. de M. (1986) – *Une civilisation Protohistorique du Sud du Portugal – 1er Age du Fer*. Paris: Diffusion du Bocard.
- BERROCAL-RANGEL, L.; SILVA, A. C. (2010) – *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Lisboa: MNA.
- BIKAI, P. M. (1978) – *The Pottery from Tyre*. Warminster: Arys & Phillips.
- BIKAI, P. M. (1987) – *The Phoenician Pottery from Cyprus*. Nicosia: A. G. Levantis Foundation.
- CALVO NUÑEZ, F. (2008) – *Estudio cronológico-secuencial de los materiales cerámicos de la necrópolis fenicia de Tiro Al-Bass (Líbano). Campaña de 1997*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. Tese de Doutoramento. Inédita.

- CHIC GARCÍA, G. (2004) – La «Gaditanización» de Hispania. In *Las Industrias alfareras y conservas fenicio-púnicas de la Bahía de Cádiz*. In *Actas de los XVI Encuentros de Historia y Arqueología*. Córdoba: Publicaciones Obra Social y Cultural CajaSur, pp. 39-62.
- CORREIA, V. (1928) – Escavações realizadas na necrópole de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *O Instituto*. Coimbra. 75:2, pp. 190-201.
- CORREIA, V. H. (1986) – Um bronze tartéssico inédito: o touro de Mourão. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*. Beja. 1, pp. 33-48.
- CORREIA, V. H. (2002) – Cola. *Circuito Arqueológico*. Lisboa: IPPAR.
- CULICAN, W. (1970) – Phoenician oil bottles and tripod bowls. *Berytus*. Beirut. 19, pp. 5-18.
- DE ULISSES a Viriato. O I milénio a.C. (1996). Lisboa: MNA.
- DIETLER, M. (2010) – Consumption. In HICKS, D.; BEAUDRY, M., eds. – *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 207-226.
- FERNÁNDEZ FLORES, A.; RODRÍGUEZ AZOGUE, A. (2005) – *Tartessos desvelado*. La colonización Fenicia del Suroeste peninsular y el origen y ocaso de Tartessos. Córdoba: Almuzara.
- FLETCHER, R. (2006) – The cultural biography of a Phoenician mushroom-lipped jug. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 25:2, p. 173-194.
- FRANKENSTEIN, S. (1996) – *Arqueología del Colonialismo*. Barcelona: Editorial Crítica.
- GOMES, E. (2008) – *Os ex-votos proto-históricos do Castelo de Alcácer do Sal*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Edição policopiada. 2 volumes.
- GOMES, F. B. (2012) – *Aspectos do sagrado na colonização fenícia*. Lisboa: UNIARQ.
- GÓMEZ BELLARD, C. (2000) – La cerámica fenicia de Ibiza. In BARTOLONI, P.; CAMPANELLA, L., eds. – *La ceramica fenicia di Sardegna*. Datti, problematiche, confronti. Roma: CNR, pp. 175-191.
- GONZÁLEZ DE CANALES, F.; SERRANO, L.; LLOMPART, J. (2004) – *El emporio fenicio precolonial de Huelva (ca. 970-770 a.C.)*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- GONZÁLEZ PRATS, A. (1982) – Ampollas de perfume fenicias en el horizonte orientalizante de la sierra de Crevillente. *Helike*. Elche. 1, pp. 139-145.
- GROENEWOUD, E. M. C.; VIDAL GONZÁLEZ, P. (1996) – Phoenician Oil Bottles from Malta. *Journal of Mediterranean Studies*. La Valetta. 6, pp. 197-205.
- LAMBRUGO, C. (2008) – Les vases à parfum corinthiens en Sicile et en Grande-Grèce. In BODIOU, L.; FRÈRE, D.; MEHL, V., eds. – *Parfums et odeurs dans l'Antiquité*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 87-195.
- LÓPEZ BERTRAN, M. (2007) – *Ritualizando Cuerpos y Paisajes. Un análisis antropológico de los ritos fenicio-púnicos*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. Tese de Doutoramento. Inédita.
- LÓPEZ ROSENDO, E. (2005) – El perfume en los rituales orientalizantes de la Península Ibérica. In JIMÉNEZ ÁVILA, J.; CELESTINO PÉREZ, S., coords. – *El Período Orientalizante*. Volume I. Madrid: CSIC, pp. 669-681.
- MAIA, M. (1987) – Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal. *Veleia*. Vitória. 2-3, pp. 223-242.
- MAIA, M. (2000) – Tavira fenícia. O território para Ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a. C. In GONZÁLEZ PRATS, A., ed. – *Fenícios y Territorio. Actas del II Seminario Internacional sobre Temas Fenicios*. Alicante: Instituto Alicantino Juan Gil-Albert, pp. 121-150.
- MAIA, M. (2008) – Reflexões sobre os Complexos Arquitectónicos de Neves-Corvo, na região central do Baixo Alentejo, em Portugal. In JIMÉNEZ ÁVILA, J., coord. – *Sidereum Ana I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*. Madrid: CSIC, pp. 353-364.
- MAIA, M.; MAIA, M. (1996) – Arqueologia do couro mineiro de Neves Corvo. In REGO, M., ed. – *Mineração do Baixo Alentejo*. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde, pp. 83-93.
- MAIA, M.; SILVA, L. F. da (2004) – O culto a BAAL em Tavira. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 20:2, pp. 171-194.

- MATA CARRIAZO, J. (1973) – *Tartessos y el Carambolo*. Madrid: Dirección General de Bellas Artes.
- MATALOTO, R. (2010-2011) – Os Senhores da Terra: necrópoles e comunidades rurais do território alto alentejano nos sécs. VI-V a.C. *Arqueologia e História*. Lisboa. 60-61, pp. 77-100.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. (2000) – *L'établissement phénicien d'Abul*. Portugal. Paris: Diffusion du Bocard.
- ORSINGHER, A. (2010) – Le oil bottle fenicie: analisi dei contesti e considerazione cronotipologiche. *Sardinia, Corsica et Baleares Antiquae*. Roma. VIII, pp. 37-69.
- PAIXÃO, A. C. (1970) – *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. Tese de Licenciatura em História. Edição policopiada.
- PESERICO, A. (1996) – *Le brocche «a fungo» fenicie nel Mediterraneo. Tipologia e cronologia*. Roma: CNR.
- PRADOS MARTÍNEZ, F. (2010) – La Arquitectura sagrada: Un santuario del siglo IX a.C. In BERROCAL-RANGEL, L.; SILVA, A. C., – *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Lisboa: MNA, pp. 259-276.
- RAMÓN, J. (1982) – Cuestiones de comercio arcaico: frascos fenicios de aceite perfumado en el Mediterráneo central y occidental. *Ampurias*. Barcelona. 44, pp. 17-41.
- RAMÓN, J. (1999) – La cerámica fenicia a torno de Sa Caleta (Eivissa). In GONZÁLEZ PRATS, A., ed. – *La cerámica fenicia en Occidente: centros de producción y áreas de comercio*. Alicante: Universidad de Alicante, pp. 149-214.
- RAMÓN, J. (2006) – Comercio y presencia cartaginesa en el extremo occidente y Atlántico antes de las guerras púnicas. In COSTA RIBAS, B.; FERNÁNDEZ, H. J., eds. – *Economía y finanzas en el mundo fenicio-púnico de Occidente*. Eivissa: Museo Arqueologic d'Eivissa i Formentera, pp. 69-106.
- ROCHA, L. (2003) – O monumento megalítico da I Idade do Ferro do Monte da Tera (Pavia, Mora): Sectores 1 e 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, pp. 121-129.
- ROCHA, L.; DUARTE, C.; PINHEIRO, V. (2005) – A necrópole da 1ª Idade do Ferro do Monte da Tera, Pavia (Portugal): dados das últimas intervenções. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. – *El Período Orientalizante*. Madrid: CSIC, pp. 605-614.
- SALVADOR MATEOS, R.; PEREIRA, J. A. (2010) – A «Necrópole» da Carlota (São Brissos, Beja) no contexto cultural da I.ª Idade do Ferro do Baixo Alentejo: dados preliminares. In DEUS, M. de, ed. – *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: Município de Almodôvar, pp. 317-330.
- SANTOS, F.; ANTUNES, S.; GRILO, C.; DEUS, M. de (2009) – A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo. In PÉREZ MACÍAS, J. A.; ROMERO BOMBA, E., eds., – *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad de Huelva, pp. 746-804.
- SOARES, R. M. (2012) – O Cabeço Redondo. Um edifício da Idade do Ferro Pós-Orientalizante na Herdade do Metum (Moura). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arqueologia. Edição Policopiada.
- SOUSA, E.; ARRUDA, A. M. (2010) – A Gaditaniização do Algarve. *Mainake*, XXXII: 2, pp. 951-974.
- TAVIRA: *Território e Poder* (2003). Lisboa: MNA.
- VATTIONI, F. (1995) – Iscrizione fenicio-punica su vasetto scoperto a Cartagine. *Römische Mitteilungen*. Roma. 102, pp. 426-466.
- VEGAS, M. (1999) – Phoniko-punische Keramik aus Karthago. In RAKOB, F., ed. – *Karthago III. Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago*. Mainz am Rhein: Phillip von Zabern, pp. 93-219.